O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.

BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.17138956

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TRANSTORNOS AFETIVOS: USO DE DROGAS POR ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS NA PANDEMIA DA COVID-19

Bianca Sarah Barros Nascimento[1]

Juliana Mara Flores Bicalho[2]

Laís Cristina Francelino Silva[3]

Thamires Santos Mendonça[4]

Richardson Miranda Machado[5]

Resumo

O presente estudo teve por objetivo analisar a relação entre o uso de álcool, drogas e transtornos afetivos (ansiedade, depressão e estresse) em adolescentes de 14 a 18 anos que frequentaram escolas públicas no período da pandemia da Covid-19. A adolescência é um período sensível de desenvolvimento sob uma perspectiva biopsicossocial, em que a vulnerabilidade emocional pode ser acentuada por fontes de estresse, como o isolamento social e o desenraizamento repentino como resultado da crise de saúde. Considerando o que foi apresentado, evidencia-se a importância de investigar mais a fundo a relação entre saúde mental e comportamentos de riscos dos nossos participantes, como, por exemplo, o uso de drogas, que pode afetar negativamente o crescimento completo destes adolescentes. Em termos de metodologia, realizamos uma pesquisa quantitativa com uma abordagem transversal, empregando ferramentas comprovadas (Drug Use Screening Inventory/DUSI e Depression, Anxiety, and Stress Scale/DASS-21) com uma amostra de 226 alunos de escolas públicas de um município do Centro-Oeste do estado de Minas Gerais. A amostra também foi obtida por conglomerados e organizada por estratificação baseada em região, para garantir a representatividade territorial. Análises descritivas e conclusões foram realizadas com o processamento de uma regressão logística, calculando também Odds Ratios e os intervalos de confiança correspondentes, a fim de atribuir variáveis sociodemográficas, familiares e emocionais ao uso e consumo de álcool, tabaco, tranquilizantes e outras drogas. Os resultados indicam que o consumo de álcool e tabaco tende a aumentar gradualmente com a idade, sendo mais elevado entre adolescentes de 16 anos. Verificou-se, ainda, uma associação entre o estado civil dos pais e o uso de tabaco, com maior prevalência entre jovens cujos pais são separados ou viúvos. Observou-se também que o consumo de álcool e medicamentos ocorreu com maior frequência entre meninas. Além disso, verificou-se que a probabilidade de uso de álcool e de substâncias ilícitas foi, respectivamente, 2,53 e 3,77 vezes superior entre adolescentes que apresentavam sintomas ansiosos. Esses resultados sugerem que a pandemia impactou significativamente tanto sobre a saúde mental quanto sobre os comportamentos de risco dos adolescentes, reforçando a necessidade de se ampliar o debate acerca de medidas de apoio psicossocial e da implementação de políticas públicas específicas para esse grupo no contexto pós-pandêmico.

Palavras-chave: Adolescência; Covid-19; Saúde Mental; Uso de Substâncias.

Abstract

The present study aimed to analyze the relationship between alcohol and drug use and affective disorders (anxiety, depression, and stress) in adolescents aged 14 to 18 who attended public schools during the Covid-19 pandemic. Adolescence is a sensitive period of development from a biopsychosocial perspective, where emotional vulnerability can be heightened by stress sources such as social isolation and sudden uprooting due to the health crisis. Given the context presented, it is important to investigate further the relationship between mental health and risk behaviors in our participants, such as drug use, which may negatively impact their full development. In terms of methodology, we conducted a quantitative study with a cross-sectional approach, using validated tools (Drug Use Screening Inventory/DUSI and Depression, Anxiety, and Stress Scale/DASS-21) with a sample of 226 students from public schools in a municipality in the Central-West region of Minas Gerais. The sample was also obtained through cluster sampling and organized by stratification based on region to ensure territorial representativeness. Descriptive analyses and conclusions were made through the processing of logistic regression, also calculating Odds Ratios and corresponding confidence intervals to attribute sociodemographic, family, and emotional variables to the use and consumption of alcohol, tobacco, tranquilizers, and other drugs. The results indicate that alcohol and tobacco use tend to increase gradually with age, being more prevalent among 16-year-old adolescents. There was also an association between the parents' marital status and tobacco use, with higher prevalence among youths whose parents are separated or widowed. It was also observed that alcohol and medication consumption occurred more frequently among girls. Furthermore, it was found that the likelihood of alcohol and illicit substance use was 2.53 and 3.77 times higher, respectively, among adolescents showing anxiety symptoms. These results suggest that the pandemic significantly impacted both mental health and risk behaviors in adolescents, reinforcing the need to expand the discussion on psychosocial support measures and the implementation of specific public policies for this group in the post-pandemic context.

Keywords: Adolescence; Covid-19; Mental Health; Substance Use.

[1] Mestra em Ciências pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: biancasarahmestrado@gmail.com

[2] Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: jmfbicalho@gmail.com

[3] Discente em Enfermagem pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: lais.francelino@aluno.ufsj.edu.br

[4] Discente em Enfermagem pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: thamires-sm@aluno.ufsj.edu.br

[5] Professor da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Doutor em Psiquiatria. E-mail: richardson@ufsj.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga a conexão entre o consumo de álcool e drogas e os transtornos de ansiedade, depressão e estresse em adolescentes de escolas públicas durante a pandemia da Covid-19. O tema é de suma importância considerando o contexto pandêmico, que alterou profundamente as rotinas e as interações familiares e sociais dos jovens, afetando diretamente sua saúde mental e seus hábitos em relação ao uso de substâncias. A adolescência é um período de intensas mudanças biopsicossociais e é considerada uma fase crítica para o desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentos de risco, que são questões centrais nas políticas públicas de saúde e educação.

A pesquisa justifica-se pela urgência de entender como o contexto da pandemia afeta, de maneira conjunta, a saúde mental dos adolescentes e o uso de substâncias psicoativas, uma vez que ambos os fenômenos aumentam os riscos para o bem-estar, o desenvolvimento social e o percurso educacional dessa população. A adolescência já é um período de vulnerabilidade, durante a pandemia, fatores como o fechamento das escolas e as restrições do convívio social provavelmente agravaram sintomas emocionais e favoreceram o uso de substâncias psicoativas como estratégia de enfrentamento.

A interrupção das atividades presenciais e a adoção do ensino remoto provocaram dificuldades consideráveis para a saúde mental dos jovens, aumentando sinais de ansiedade, depressão e isolamento social. A mudança repentina nas rotinas escolares contribuiu para a intensificação do sofrimento emocional e incentivou o crescimento de comportamentos de risco, como o consumo precoce de substâncias psicoativas. É, por tanto, através da compreensão das interações comportamentais e socioemocionais que podemos estruturar as intervenções clínicas e educativas voltadas aos adolescentes.

O problema central desta investigação consiste em compreender de que forma os transtornos afetivos, manifestados por sintomas de ansiedade, depressão e estresse, se relacionam com o consumo de substâncias lícitas e ilícitas durante a pandemia, bem como identificar os fatores socioeconômicos e familiares envolvidos nesse cenário. O objetivo é analisar como a crise pandêmica e o isolamento social impactaram os comportamentos de risco e a saúde mental de adolescentes em uma cidade do Centro-Oeste de Minas Gerais.

Os objetivos específicos são: descrever o perfil sociodemográfico dos adolescentes, avaliar o uso de álcool, tabaco, medicamentos e outras drogas ilegais, identificar a prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse, e investigar os fatores relacionados a essas questões. A investigação utiliza uma abordagem quantitativa, com um delineamento transversal, e emprega instrumentos validados para avaliar os transtornos emocionais e o comportamento relacionado ao uso de drogas.

No que diz respeito à metodologia, a amostra foi composta por 226 alunos do 9º ano do ensino fundamental, que foram escolhidos por meio de uma amostragem por conglomerados, estratificada geograficamente, de modo a incluir várias regiões administrativas da cidade. Para a obtenção dos dados, foram utilizados questionários sobre dados sociodemográficos, o Inventário de Triagem do Uso de Drogas (DUSI), que avalia diversas áreas problemáticas relacionadas ao uso de substâncias, e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21), que possui subescalas para cada um desses transtornos emocionais. A análise de dados foi realizada utilizando-se estatísticas descritivas e regressão logística, o que trouxe a possibilidade de identificação das associações importantes entre as variáveis.

O recorte teórico-doutrinário é sustentado pela visão da adolescência como período de grande vulnerabilidade biopsicossocial, no qual a interação entre fatores genéticos, ambientais e psicossociais contribuem para um surgimento e intensificação dos transtornos mentais, assim como para o desenvolvimento do comportamento de risco. A ligação entre saúde mental e consumo de substâncias é um fenômeno que requer uma ação integrada tanto para a prevenção quanto para a intervenção.

Este trabalho é dividido em seis seções: a) Introdução, na qual se delineia o contexto da investigação e os objetos de estudo, assim como a enunciação do problema de pesquisa e a definição do objetivo; b) Referencial Teórico, que explicita como o tema tem sido abordado em investigações científicas e fundamenta teoricamente a presente pesquisa; c) Metodologia, que descreve o percurso metodológico adotado, a abordagem, os participantes, os instrumentos, os procedimentos e a análise de dados; d) Resultados, que apresentam as análises e a interpretação dos dados obtidos; e) Discussão, que estabelecem um diálogo com estudos da mesma natureza, correlacionando-os aos resultados obtidos; e f) Conclusão, resumem os resultados, suas implicações clínicas e sociais e mencionam as limitações do estudo e verifica as contribuições da pesquisa para intervenções posteriores.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência é considerada um período de maior vulnerabilidade para o surgimento de transtornos psicológicos, que podem ter repercussões importantes ao longo da vida adulta. De acordo com Kessler *et al*. (2005), cerca de 50% dos diagnósticos associados a transtornos psicológicos acontece antes dos 14 anos, o que destaca a relevância desse intervalo para a implementação de intervenções imediatas. Essa premissa tradicional no contexto da psiquiatria infantil e do desenvolvimento humano baseia pesquisas subsequentes que têm permitido a análise dos padrões epidemiológicos da saúde mental de adolescentes no cenário global. Recentemente, entidades internacionais e redes acadêmicas intensificaram essa perspectiva, registrando um aumento significativo na ocorrência de distúrbios como ansiedade

generalizada, depressão recorrente e transtornos de estresse pós-traumático em adolescentes. A pandemia da Doença do Coronavírus 2019 - Covid-19 (LOPES *et al.*, 2023) intensificou esses índices, principalmente em decorrência da implementação de restrições que impactaram diretamente as conexões sociais, as atividades escolares e o acesso a serviços especializados (OMS, 2024). Pesquisas longitudinais indicam que a evolução da pandemia esteve relacionada a aumentos nos níveis de ansiedade e depressão, afetando aspectos como o rendimento acadêmico e o desenvolvimento social, especialmente em grupos vulneráveis em territórios de renda média e baixa (MUCCI *et al*., 2023).

A abordagem clássica do saber a respeito desse tema considera a adolescência como um período favorável para a prevenção e promoção à saúde psicológica, em virtude de sua plasticidade neurobiológica e social. Indicativos apontam que a ausência de tratamento para o transtorno psicológico durante esse período está relacionada a consequências prejudiciais na vida adulta, como a recorrência de transtornos psiquiátricos e o aumento do uso de substâncias psicoativas (KESSLER *et al*., 2005; SOUZA *et al*., 2024).

A dificuldade envolvida na origem dos transtornos psicológicos em adolescentes é reconhecida devido à sua natureza multideterminada, a qual abrange fatores genéticos, neurobiológicos, psicossociais e ambientais em sua etiologia. O contexto familiar, educacional e social desempenha um papel fundamental na formação de fatores de risco e proteção relacionados ao desenvolvimento dessas condições (YANG *et al*., 2023).

A prática de violência no contexto escolar representa determinantes sociais significativos que intensificam o sofrimento psíquico de adolescentes e afetam de maneira desfavorável o padrão de consumo de substâncias. A imersão em tais contextos de vulnerabilidade requer estratégias integradas e multidisciplinares para a prevenção e o atendimento eficaz (SILVA *et al*., 2023). A imposição do confinamento social devido à pandemia intensificou dificuldades já existentes, aumentando aspectos como a fragilidade das relações afetivas, a elevação do estresse familiar e a diminuição das atividades de lazer, fundamentais para o bem-estar emocional dos adolescentes (WOLF; SCHMITZ, 2023; COSAC *et al*., 2024).

Os transtornos afetivos, como ansiedade, depressão e estresse, apresentam relação direta com comportamentos de risco entre adolescentes, incluindo o uso de substâncias psicoativas. A ansiedade, em virtude de sua natureza intrínseca que envolve manifestações somáticas (como taquicardia, sudorese e tensão muscular) e cognitivas (preocupação excessiva, pensamentos intrusivos e sensação de ameaça iminente), tende a aumentar a vulnerabilidade para o consumo precoce de drogas. Muitas vezes, esse consumo funciona como estratégia de automedicação ou tentativa de controle dos sintomas, ainda que de forma ineficaz e prejudicial (MOON; WOO, 2025). Os transtornos depressivos, por sua vez, caracterizam-se por perda de motivação, sentimentos de desesperança e retraimento social, condições que favorecem o

isolamento, o abandono escolar e a redução dos vínculos afetivos e de suporte. Esse cenário aumenta a exposição a fatores de vulnerabilidade psicossocial e cria terreno fértil para a iniciação e manutenção do uso de drogas, seja como forma de compensar déficits emocionais, seja para escapar de estados persistentes de tristeza e anedonia (YANG *et al*., 2023). O estresse, especialmente quando crônico, desempenha papel central nesse processo. Em adolescentes, a sobrecarga de demandas acadêmicas, familiares e sociais, somada a experiências adversas, atua como gatilho para o aumento da ativação neuroendócrina, em especial do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Esse desequilíbrio fisiológico está associado a maior propensão ao uso de substâncias como tentativa de regulação emocional. Estudos recentes demonstram que situações de estresse intenso, como as vivenciadas durante a pandemia de COVID-19, intensificaram a procura por álcool, tabaco e outras drogas como mecanismos paliativos de enfrentamento (MOON; WOO, 2025; YANG *et al*., 2023).

Adicionalmente, a interação entre predisposição genética e fatores ambientais, incluindo traumas, violência e condições socioeconômicas desfavoráveis, constitui mecanismo fundamental para o surgimento de transtornos afetivos na adolescência. Essa interação multifatorial explica por que alguns jovens apresentam maior resiliência, enquanto outros se tornam mais vulneráveis ao uso problemático de substâncias. Assim, a compreensão dos vetores biológicos, psicológicos e sociais envolvidos reforça a necessidade de estratégias integradas de prevenção e cuidado, capazes de abordar o adolescente em sua totalidade biopsicossocial e reduzir a sobreposição entre sofrimento psíquico e uso de drogas.O transtorno de ansiedade, devido à sua natureza intrínseca que envolve características somáticas e cognitivas, aumenta a vulnerabilidade a comportamentos de risco, incluindo o uso precocemente de substâncias psicoativas, que pode ser uma forma de automedicação ou uma estratégia para lidar com os sintomas. Os transtornos depressivos, por sua parte, diminuem a motivação e os relacionamentos sociais, favorecendo o abandono educacional, o isolamento e a vulnerabilidade psicossocial (MOON; WOO, 2025). Adicionalmente, a relação entre a predisposição genética e a exposição a traumas ou estressores, como os experienciados ao longo da pandemia, se estabelece como um mecanismo fundamental para o surgimento de transtornos afetivos nessa faixa etária. A identificação dos diversos vetores causadores enfatiza a importância de estratégias integradas que levem em conta o adolescente em sua totalidade biopsicossocial (YANG *et al*., 2023).

A literatura internacional atual destaca uma relação profunda entre transtornos afetivos e a utilização de substâncias psicoativas na adolescência, evidenciando uma co-morbidade que aumenta o risco de autoagressão e comportamentos suicidas (TASKIRAN, 2025; MUCCI *et al*., 2023). O emprego de álcool, tabaco e medicamentos sem orientação médica manifesta-se frequentemente como uma estratégia de automedicação por parte de adolescentes que lidam com sintomas de ansiedade e depressão,

em um ciclo que compromete tanto o diagnóstico precoce quanto o tratamento adequado. A investigação em questão documenta que jovens que apresentam sintomas de ansiedade estão mais propensos ao consumo de álcool e outras substâncias ilícitas, informações que confirmam descobertas internacionais recentes (COSAC *et al*., 2024). A relação entre o consumo de substâncias e a intensificação de transtornos psicológicos evidencia a importância de implementar políticas públicas que operem de forma integrada na prevenção do uso de substâncias e na promoção da saúde mental.

Além disso, a prática de autoagressão e o risco de suicídio, ainda que não tenham sido diretamente avaliados neste estudo, são fenômenos interdependentes e influenciados pelo contexto dos adolescentes, particularmente nas situações em que o apoio familiar é precarizado e os serviços de saúde mental se mostram ineficientes (OMS, 2024). As abordagens interventivas devem, assim, incluir a diminuição dos comportamentos motivados pelo sofrimento psicológico e pelo uso de substâncias. A relação entre sinais de ansiedade e a utilização de substâncias psicoativas destaca a relevância da adoção de protocolos clínicos sistemáticos destinados à avaliação e à prevenção do suicídio entre adolescentes. A implementação de estratégias sistemáticas que favoreçam intervenções precoces é essencial para diminuir os riscos de autoagressão e para aprimorar o prognóstico em saúde mental dessa população vulnerável (COSTA *et al*., 2023).

A instituição de ensino configura-se como um espaço fundamental para o desenvolvimento abrangente do adolescente, além de ser um local propício para a identificação precoce de indícios de sofrimento mental e de comportamentos de risco (COSAC *et al*., 2024; WOLF; SCHMITZ, 2023). Entretanto, o fechamento das instituições de ensino durante a pandemia, assim como a limitação das atividades extracurriculares, resultou em lacunas na rede de proteção social, agravando o isolamento e diminuindo a disponibilidade de apoio psicossocial. Para além do contexto educacional, a interação comunitária configura-se como um elemento significativo, uma vez que favorece o sentimento de pertencimento e reitera a autoestima dos adolescentes. A interrupção das atividades sociais, esportivas e culturais afetou a disponibilização de vivências formativas, em especial para os adolescentes que se encontram em condições de vulnerabilidade social (WOLF; SCHMITZ, 2023; ALMEIDA *et al*., 2022).

As variações sociais têm um impacto direto nos resultados da pesquisa local, visto que a maior taxa de uso de substâncias foi registrada entre adolescentes que habitam áreas periféricas e que contam com menor apoio familiar. Esses indivíduos integram grupos vulneráveis a essas rupturas e a restrições no acesso aos cuidados psicossociais. Pesquisas recentes realizadas no Brasil têm demonstrado a continuidade de dificuldades no manejo da saúde mental e do uso de substâncias entre os adolescentes, complicadas pela carência na integração intersetorial entre as áreas de saúde, educação e assistência social (SOUZA *et al*., 2024; COSAC *et al*., 2024). A pandemia revelou e intensificou desigualdades históricas,

evidenciadas pelo aumento do consumo de substâncias psicoativas e pela maior incidência de transtornos afetivos em estudantes de escolas públicas, inseridos em um cenário de baixa renda e limitado acesso aos serviços. Além disso, a heterogeneidade regional e a diversidade cultural exigem a elaboração de estratégias que sejam adequadas às realidades locais, uma condição que não está completamente satisfeita pelas políticas públicas vigentes (SILVA *et al*., 2024; ALMEIDA *et al*., 2022).

A resposta dos órgãos públicos de saúde no Brasil frente à crescente procura por serviços de saúde mental para a população infantojuvenil vem mostrando-se limitada e insuficiente, enfrentando desafios relacionados à formação e à retenção de profissionais, bem como à integração entre as diversas redes e à falta de recursos (SOUZA *et al*., 2024). A pandemia reiterou a urgência de ampliar os serviços, inovar nos modelos de atendimento e expandir o acesso a programas de prevenção. As deficiências em relação ao futuro englobam a exigência de políticas públicas sustentáveis que integrem abordagens transdisciplinares, a participação da comunidade e o envolvimento ativo dos jovens. É necessário intensificar o rastreamento epidemiológico a fim de assegurar a obtenção de dados consistentes, que irão orientar ações e permitir a avaliação de resultados a médio e longo prazo.

A perspectiva convergente é fundamental para entender os diversos fatores que impactam a saúde mental e o uso de substâncias entre adolescentes. Fatores sociais como gênero, raça e classe desempenham um papel determinante na modulação do risco e na exposição às causas (COSAC *et al*., 2024; SILVA *et al*., 2024). No Brasil, a problemática se intensifica devido ao racismo estrutural e às desigualdades sociais, que elevam o nível de vulnerabilidade de jovens negros e pardos, especialmente em ambientes periféricos. Pesquisas indicam que tais grupos enfrentam obstáculos adicionais para obter assistência adequada e estão mais expostos ao consumo de substâncias em contextos de insegurança. Estudos recentes conduzidos em diversos continentes comprovam a persistência dos efeitos adversos da pandemia na saúde mental de adolescentes, evidenciando um aumento nos diagnósticos psiquiátricos, no uso prejudicial de substâncias e nas perturbações do funcionamento social (BILUN *et al*., 2023). No Brasil, a tendência evidenciada pelos dados locais do estudo indica esse movimento, com uma maior prevalência do consumo de álcool entre adolescentes mais velhos e da ansiedade entre grupos de risco. Iniciativas eficazes de prevenção e assistência à saúde mental na adolescência destacam-se por sua abordagem diversificada, a qual abrange suporte familiar, educação socioemocional, capacitação de profissionais e utilização de tecnologias digitais (OWOLABI; OYENEYIN, 2024).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, escolhido por possibilitar uma análise sistemática dos padrões epidemiológicos relacionados à saúde mental de adolescentes, em

consonância com recomendações metodológicas recentes da literatura nacional e internacional (Gasparini *et al*., 2025). Essa estratégia favorece a identificação de correlações entre variáveis sociodemográficas, psicológicas e comportamentais, oferecendo base empírica para compreender a interação entre transtornos psíquicos e consumo de substâncias em ambiente escolar.

A pesquisa articulou análise empírica e revisão metodológica, conforme práticas destacadas em publicações de referência (TÁPARO *et al*., 2023; GASPARINI *et al*., 2025). O processo incluiu: (a) definição da população e da amostra; (b) seleção e validação dos instrumentos; (c) coleta de dados; (d) análise estatística; e (e) integração de dados primários e secundários.

A amostra compreendeu 226 adolescentes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas de Divinópolis, Minas Gerais, selecionados por amostragem em dois estágios, com estratificação geográfica. A estratégia garantiu representatividade sociodemográfica, priorizando instituições com maior número de matrículas e excluindo formulários incompletos, conforme diretrizes epidemiológicas aplicáveis a adolescentes (GASPARINI *et al*., 2025; CANCIAN *et al*., 2023).

As informações foram obtidas por meio de questionários estruturados e escalas psicométricas aplicados aos estudantes e responsáveis. Utilizaram-se três instrumentos principais: (a) questionário sociodemográfico, elaborado para este estudo, contemplando idade, sexo, escolaridade, composição familiar, raça/cor e renda (GASPARINI *et al*., 2025); (b) Inventário de Triagem de Uso de Drogas (DUSI), validado para o contexto brasileiro, com dez áreas de risco relacionadas ao uso de substâncias, com respostas dicotômicas (sim/não), facilitando a codificação estatística (AVANCI *et al*., 2007); e (c) Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21), de domínio público e validada nacionalmente, fundamentada em modelo tripartido dos sintomas emocionais. A escolha de instrumentos validados assegura a confiabilidade das medidas, conforme recomendações de adaptação cultural em pesquisas com adolescentes (MARTINS *et al*., 2024).

Fontes secundárias incluíram registros administrativos escolares, revisão de literatura e resultados de estudos epidemiológicos nacionais e internacionais sobre saúde mental de adolescentes (TÁPARO *et al*., 2023; CANCIAN *et al*., 2023; GASPARINI *et al*., 2025).

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 3.965.700), realizou-se sensibilização junto às escolas e responsáveis, seguida da aplicação presencial dos questionários durante o horário escolar, com coleta conduzida por equipe qualificada, garantindo consentimento livre e esclarecido dos responsáveis e assentimento dos adolescentes.

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas, com dupla verificação para minimizar erros. As análises compreenderam estatística descritiva (frequências, médias, desvios padrão) e regressão logística, realizada no software JMP® Pro 13 (SAS Institute Inc., Cary, NC, EUA, 1989-2019). Foram

estimadas razões de chances (Odds Ratios) e intervalos de confiança de 95%, adotando-se significância de 5% (AVANCI *et al*., 2007).

Os resultados foram posteriormente triangulados com dados nacionais (PeNSE, IBGE) e internacionais, em alinhamento às boas práticas de pesquisa em saúde mental de adolescentes (TÁPARO *et al*., 2023; GASPARINI *et al*., 2025). A utilização de instrumentos psicométricos validados e de análise estatística multivariada assegura rigor metodológico, controle de variáveis confundidoras e comparabilidade entre diferentes contextos socioculturais (TÁPARO *et al*., 2023; CANCIAN *et al*., 2023).

RESULTADOS

A amostra foi composta por 226 adolescentes de escolas públicas da região Centro-Oeste de Minas Gerais (Brasil), com prevalência do gênero masculino (51,8%) e uma idade média de 15 anos (48,7%). O perfil sociodemográfico, conforme indicado na tabela 1, oferece uma visão sobre o perfil dos indivíduos participantes em relação a variáveis demográficas, socioeconômicas e comportamentais. Observa-se que dos adolescentes, 77,4% são de escolas públicas, a maioria deles vivendo na periferia da cidade (48,2%) e pertencendo a grupos familiares com renda de até dois salários-mínimos (67,3%). A interação familiar predominante ocorre na presença de ambos os genitores (61,1%), circunstância que será relacionada aos índices de consumo de substâncias e à saúde mental.

A Tabela 1 também evidencia aspectos significativos relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. Observa-se que a ingestão de álcool existe em 22,1% dos adolescentes de 14 anos e aumenta progressivamente até os 16 anos, quando atinge 62,5%. Enquanto isso, o uso de tabaco mudou da mesma forma, aumentando de pouco mais de 1% aos 14 anos para 25% aos 16 anos. O consumo de drogas sem prescrição médica é alto, particularmente entre as adolescentes, com 32,1% tendo usado drogas, um ponto de preocupação em relação à automedicação, além do acesso quase irrestrito a fármacos no ambiente domiciliar. Diferenças de gênero também foram notáveis: mais meninas do que meninos relataram consumo de álcool, 37,6% e 32,1%, respectivamente, em contraste os meninos demonstram maior utilização de outras substâncias ilícitas, alcançando 11%. Tal distinção ressalta a importância de uma abordagem de gênero nas iniciativas de prevenção e promoção da saúde mental e comportamental, confirmando evidências da literatura que reconhecem padrões específicos de consumo e vulnerabilidades distintas em razão do sexo (SILVA *et al*., 2024; SOUSA; MOREIRA; TELLES-CORREIA, 2018).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes do estudo em relação às variáveis e uso de álcool, de tabaco, de medicamentos sem prescrição médica (medicamentos) e de outras drogas ilícitas (outras drogas). Divinópolis, MG, Brasil, 2022. (n=226)

Variável	Total		Álcool		Tabaco		Medicamentos		Outras drogas	
	N	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Idade										
14 anos	95	40,7	21	22,1	1	1,1	23	24,2	7	7,4
15 anos	110	48,7	40	36,4	8	7,3	29	26,4	12	11
16 anos	16	7,1	10	62,5	4	25	6	37,5	1	6,2
17 anos	4	1,8	1	25	-	-	2	50	-	-
18 anos	1	0,4	1	100	-	-	-	-	1	100
Sexo										
Feminino	109	48,2	41	37,6	8	7,3	35	32,1	8	7,3
Masculino	117	51,8	32	27,6	5	4,3	25	21,4	13	11
Cor/raça										
Amarela	5	2,2	-	-	0	0	2	40	0	0
Branca	89	39,4	28	31,5	3	3,4	23	25,8	6	6,7
Indígena	2	0,9	0	0	1	50	1	50	0	0
Parda	94	41,6	32	34,1	5	5,3	23	24,5	10	11
Preta	34	15	11	32,4	2	5,9	9	26,5	3	8,8
Estado civil dos pais										
Vivem juntos	138	61,1	41	29,7	3	2,2	31	22,5	11	7,9
Vivem separados	80	35,4	28	35	9	11	27	33,7	9	11
Viúvos	8	3,5	4	50	1	13	2	25	1	13
Com quem mora?										
Mãe	63	27,9	22	34,9	6	9,5	17	27	6	9,5
Pai	17	7,5	8	47,1	0	0	8	47	1	5,9
Pais	136	60,2	38	27,9	3	2,2	32	23,5	11	8
Avós	4	1,8	2	50	1	25	1	25	1	25
Outros	6	2,7	3	50	3	50	2	33,3	2	33
Renda familiar										
Menos de um salário-mínimo	15	6,6	5	33,3	2	13	3	20	2	13
De 1 a 2 salários-mínimos	152	67,3	45	29,6	6	3,9	39	25,7	10	6,6
De 2 a 3 salários-mínimos	29	12,8	11	37,9	2	6,9	9	31	3	10
De 3 a 4 salários-mínimos	16	7,1	4	25	1	6,2	4	25	1	6,2
De 4 a 5 salários-mínimos	5	2,2	2	40	0	0	0	0	1	20
Mais de 5 salários-mínimos	6	2,7	4	66,7	1	17	3	50	2	33
Localização da casa										
Periferia	109	48,2	34	31,1	6	5,5	34	31,2	10	9,2
Região central	26	11,5	6	23,1	2	7,7	5	19,2	3	12
Centro expandido	27	11,9	11	40,7	0	0	6	22,2	3	11
Zona rural	25	11,1	9	36	1	4	7	28	3	12
Condomínio	4	1,8	3	75	0	0	0	0	0	0
Outros	29	12,8	9	31	3	10	7	24,1	1	3,4

Fonte: Elaboração própria.
Nota: *um entrevistado sem informação (0,4%); † dois entrevistados sem informação (0,9%); ‡ três entrevistados sem informação (1,3%); § seis entrevistados sem informação (2,7%).

A avaliação dos elementos relacionados ao uso de álcool, tabaco, medicamentos e outras substâncias, apresentados na Tabela 2, válida a correlação estatisticamente significativa entre a idade e o crescimento do consumo de álcool (p=0,004) e de tabaco (p=0,007). Nota-se que adolescentes de 15 anos apresentam quase o dobro da probabilidade (OR=1,98; IC95% 1,03–3,91) de consumir álcool em comparação àqueles de 14 anos, sendo que esse percentual aumenta para 5,68 vezes (IC95% 1,65–21,42) aos 16 anos. No que diz respeito ao tabaco, o crescimento da probabilidade é ainda mais significativo: adolescentes de 16 anos apresentam aproximadamente 29,55 vezes mais chances de utilizá-lo em

comparação àqueles de 15 anos. Este dado, relevante e digno de nota, reflete a tendência de iniciação precoce em faixas etárias mais elevadas da adolescência.

Em relação à estrutura familiar, observou-se uma associação relevante entre a condição civil dos genitores e o consumo de tabaco (p=0,01). Adolescentes cujos genitores são separados ou viúvos demonstram, respectivamente, uma probabilidade 5,66 (IC95% 1,36–33,53) e 6,26 (IC95% 0,11–90,83) vezes superior de consumir tabaco em comparação àqueles que residem com pais que permanecem juntos. Ademais, adolescentes que convivem com responsáveis que não são os pais apresentam uma probabilidade significativamente maior desse consumo (OR=8,96; IC95% 0,98–83,59). Esses dados enfatizam a importância da estabilidade familiar e do apoio parental como possíveis fatores protetores contra comportamentos de risco, um resultado que se alinha com a literatura nacional e internacional (THRUL *et al*., 2019; ALMEIDA *et al*., 2022).

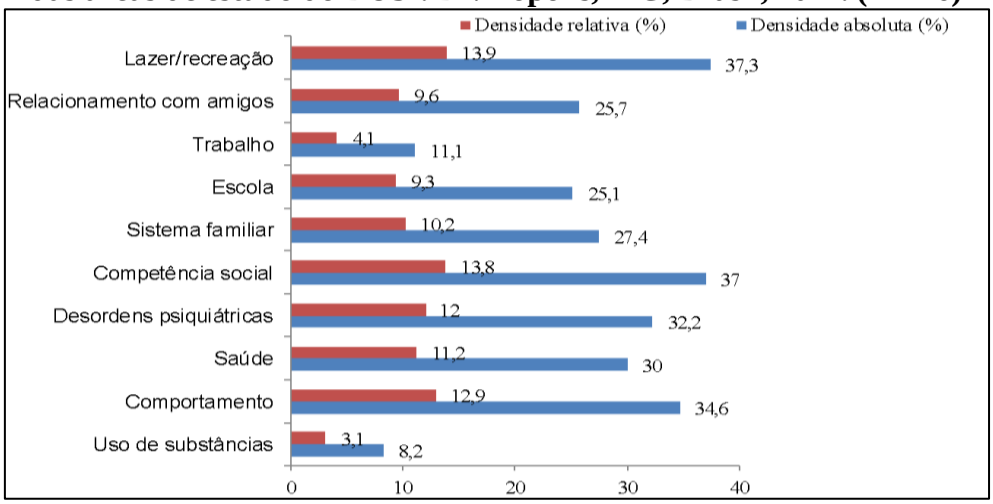
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica dos participantes do estudo e análise dos fatores associados ao uso de álcool, de tabaco, de medicamentos sem prescrição médica (medicamentos) e de outras drogas ilícitas (outras drogas). Divinópolis, MG, Brasil, 2022. (n=226)

Variável	N	%	Álcool	Tabaco	Medicamentos	Outras drogas
Idade			Valor-p: 0,004	Valor-p: 0,007	Valor-p: 0,5478	Valor-p: 0,179
14 anos	95	41	1	1	1	1
15 anos	110	49	1,98 [1,03; 3,91]	7,32 [0,95; 330,04]	1,12 [0,57; 2,23]	1,54 [0,53; 4,82]
16 anos	16	7,1	5,68 [1,65; 21,42]	29,55 [2,65; 1541,78]	1,87 [0,5; 6,43]	0,84 [0,02; 7,35]
17 anos	4	1,8	1,15 [0,02; 15,29]	0 [0; 913,05]	3,09 [0,21; 44,81]	0 [0; 22,42]
18 anos	1	0,4	∞ [0,09; ∞]	0 [0; 3502,30]	0 [0; 123,55]	∞ [0,28; ∞]
Sexo			Valor-p: 0,1434	Valor-p: 0,4819	Valor-p: 0,0936	Valor-p: 0,4553
Feminino	109	48	1	1	1	1
Masculino	117	52	0,63 [0,35; 1,15]	0,57 [0,14; 2,03]	0,58 [0,30; 1,09]	1,57 [0,58; 4,58]
Cor/raça †			Valor-p: 0,6084	Valor-p: 0,1837	Valor-p: 0,7679	Valor-p: 0,8135
Amarela	5	2,2	1	1	1	1
Branca	89	39	∞ [0,39; ∞]	∞ [0,02; ∞]	0,53 [0,06; 6,68]	∞ [0,05; ∞]
Indígena	2	0,9	0 [0; ∞]	∞ [0,06; ∞]	1,41 [0,01; 156,23]	0 [0; ∞]
Parda	94	42	∞ [0,45; ∞]	∞ [0,04; ∞]	0,49 [0,05; 6,20]	∞ [0,1; ∞]
Preta	34	15	∞ [0,37; ∞]	∞ [0,03; ∞]	0,55 [0,53; 7,58]	∞ [0,05; ∞]
Estado civil dos pais			Valor-p: 0,2563	Valor-p: 0,01	Valor-p: 0,1796	Valor-p: 0,4982
Vivem juntos	138	61	1	1	1	1
Vivem separados	80	35	1,27 [0,68; 2,38]	5,66 [1,36; 33,53]	1,75 [0,91; 3,39]	1,46 [0,51; 4,09]
Viúvos	8	3,5	3,13 [0,50; 22,3]	6,26 [0,11; 90,83]	1,15 [0,11; 6,85]	1,64 [0,34; 14,89]
Com quem mora?			Valor-p: 0,1871	Valor-p: 0,0003	Valor-p: 0,2941	Valor-p: 0,1676
Mãe	63	28	1	1	1	1
Pai	17	7,5	1,65 [0,48; 5,6]	0 [0; 3,17]	2,38 [0,68; 8,29]	1,67 [0,18; 82,22]
Pais	136	60	0,72 [0,37; 1,45]	0,22 [0,03; 1,05]	0,83 [0,4; 1,77]	1,2 [0,35; 3,74]
Avós	4	1,8	3,65 [0,18; 224,8]	3,09 [0,05; 46,4]	0,9 [0,02; 12,16]	0,32 [0,02; 19,31]
Outros	6	2,7	1,84 [0,23; 14,97]	8,96 [0,98; 83,59]	1,35 [0,11; 10,42]	0,22 [0,02; 2,88]
Renda familiar ‡			Valor-p: 0,4527	Valor-p: 0,2251	Valor-p: 0,5699	Valor-p: 0,1261
Menos de um salários-mínimos	15	6,6	1	1	1	1
De 1 a 2 salários-mínimos	152	67	0,85 [0,25; 3,35]	0,18 [0,15; 0,32]	1,38 [0,35; 8]	0,46 [0,08; 4,76]
De 2 a 3 salários-mínimos	29	13	1,22 [0,28; 5,8]	0,53 [0,6; 0,88]	1,78 [0,35; 12,22]	0,76 [0,08; 10,09]
De 3 a 4 salários-mínimos	16	7,1	0,68 [0,1; 4,13]	0,58 [0,6; 0,95]	1,32 [0,18; 11,04]	0,44 [0,01; 9,48]
De 4 a 5 salários-mínimos	5	2,2	1,31 [0,08; 16,01]	0,55 [1; 1]	0 [0; 7,75]	1,58 [0,02; 38,86]
Mais de 5 salários-mínimos	6	2,7	3,72 [0,38; 55]	0,84 [1;1]	3,7 [0,33; 46,7]	3,04 [0,17; 55,71]
Localização da casa §			Valor-p: 0,3932	Valor-p: 0,3932	Valor-p: 0,7077	Valor-p: 0,8294
Periferia	109	48	1	1	1	1
Região central	26	12	0,65 [0,2; 1,89]	1,43 [0,13; 8,64]	0,53 [0,14; 1,60]	1,29 [0,21; 5,56]
Centro expandido	27	12	1,49 [0,56; 3,86]	0 [0; 3,45]	0,63 [0,19; 1,81]	1,24 [0,2; 5,31]
Zona rural	25	11	1,22 [0,43; 3,3]	0,72 [0,01; 6,35]	0,86 [0,28; 2,41]	1,35 [0,22; 5,84]
Condomínio	4	1,8	6,41 [0,49; 346,56]	0 [0; 31,35]	0 [0; 3,52]	0 [0; 16,83]
Outros	29	13	0,98 [0,35; 2,54]	1,97 [0,3; 9,98]	0,7 [0,23; 1,92]	0,36 [0,01; 2,7]

Fonte: Elaboração própria.
Nota: *1 entrevistado sem informação (0,4%); †2 entrevistados sem informação (0,9%); ‡3 entrevistados sem informação (1,3%); §6 entrevistados sem informação (2,7%).

O gráfico 1 representa a população total e a densidade proporcional de dificuldades enfrentadas pelos adolescentes nas diversas áreas verificadas pelo Inventário de Triagem do Uso de Drogas (DUSI). Com o intuito de garantir um rigor conceitual, a apresentação foi reestruturada para incorporar barras individuais, visando uma visualização aprimorada. O eixo à esquerda ilustra a população absoluta, que corresponde ao total de adolescentes que relataram problemas em cada área, enquanto o eixo à direita representa a densidade relativa, ou seja, a proporção percentual que cada área representa do total de problemas detectados. Observa-se que a área de lazer e atividades recreativas representa o principal foco de dificuldades, apresentando a maior população absoluta impactada e uma densidade relativa significativa. Isso ressalta o efeito adverso da restrição social sobre as atividades saudáveis e o tempo livre dos adolescentes, um aspecto também evidenciado em estudos equivalentes realizados durante o período pandêmico (WOLF; SCHMITZ, 2023).

Gráfico 1 – Densidade absoluta e relativa, em porcentagem, das áreas de estudo do DUSI. Divinópolis, MG, Brasil, 2022. (n=226)



Fonte: Elaboração própria.

Além do entretenimento, aspectos como comportamento, saúde e fatores sociais também demonstraram valores significativos, indicando que o uso de substâncias está interligado a diversas dificuldades simultâneas, corroborando a relevância de abordagens multiprofissionais e integradas. A avaliação do DUSI se relaciona com os resultados da pesquisa referente à relação entre sintomas emocionais e uso de substâncias, conforme evidenciado na Tabela 3.

Na Tabela 3, que aborda a relação envolvendo sintomas de ansiedade, estresse e depressão e o uso de substâncias, verifica-se que adolescentes que manifestam sintomas de ansiedade apresentam Odds Ratios consideravelmente mais elevados para o consumo de álcool (OR=2,53; IC95% 1,42–4,51), medicamentos (OR=1,92; IC95% 1,05–3,51) e outras substâncias ilícitas (OR=3,77; IC95% 1,46–9,78), o que evidencia uma forte associação entre a presença desses sintomas e a maior suscetibilidade ao uso

de substâncias. Embora não tenha sido identificada uma relação significativa entre o tabaco e o grupo ansioso, o padrão geral indica que a ansiedade desempenha um papel importante na trajetória do uso de substâncias entre adolescentes, como corroborado pela literatura recente (MUCCI *et al*., 2023; TASKIRAN, 2025).

Tabela 3 – Caracterização da análise dos fatores associados ao uso de álcool, de tabaco, de medicamentos sem prescrição médica (medicamentos) e de outras drogas ilícitas (outras drogas) dos participantes do estudo em relação às variáveis "ansiedade", "estresse" e "depressão". Divinópolis, MG, Brasil, 2022. (n=226)

DASS	N	%	Álcool	Tabaco	Medicação	Outros
Ansiedade			Valor-p: 0,0016	Valor-p: 0,1362	Valor-p: 0,0354	Valor-p: 0,0046
Não	139	62,3	1	1	1	1
Sim	84	37,7	2,53 [1,42 ; 4,51]	2,44 [0,75 ; 7,94]	1,92 [1,05 ; 3,51]	3,77 [1,46 ; 9,78]
Estresse			Valor-p: 0,1005	Valor-p: 0,3236	Valor-p: 0,0201	Valor-p: 0,1452
Não	159	71,3	1	1	1	1
Sim	64	28,7	1,67 [0,91 ; 3,05]	1,84 [0,56 ; 6,03]	2,13 [1,13 ; 3,99]	2,00 [0,80 ; 5,02]
Depressão			Valor-p: 0,0160	Valor-p: 0,2164	Valor-p: 0,0841	Valor-p: 0,1497
Não	149	66,8	1	1	1	1
Sim	74	33,2	2,06 [1,15 ; 3,70]	2,10 [0,65 ; 6,76]	1,73 [0,93 ; 3,19]	1,96 [0,79 ; 4,85]

Fonte: Elaboração própria.

Os indicadores de estresse demonstraram uma associação significativa com a utilização de medicamentos (OR=2,13; IC95% 1,13–3,99), enquanto os sinais depressivos evidenciaram uma relação estatisticamente menos consistente, embora ainda assim sugerindo um incremento no risco de consumo de álcool (OR=2,06; IC95% 1,15–3,70). Esses resultados enfatizam a importância de uma avaliação detalhada dos sintomas emocionais em intervenções preventivas, levando em conta tanto os transtornos psicológicos quanto seus efeitos motivacionais no uso abusivo de substâncias.

De maneira descritiva, os dados quantitativos obtidos neste estudo demonstram que a idade, o contexto familiar, a manifestação de sintomas emocionais e as condições socio-comunitárias constituem uma rede de fatores vinculados que afetam o consumo de álcool, tabaco, medicamentos e outras substâncias entre adolescentes. Destaca-se, ainda, particularidades como o aumento no uso de álcool e medicamentos entre meninas, além da relação entre ansiedade e o uso de substâncias ilícitas.

Esses resultados ampliam a compreensão acerca do efeito da pandemia e fornecem fundamentos sólidos para a orientação de políticas públicas e iniciativas integradoras nas áreas de saúde, educação e assistência social.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo apontam para a complexa situação da saúde mental e do uso de substâncias psicoativas em adolescentes de escolas públicas, no contexto da pandemia de COVID-19. Os

níveis pronunciados de exposição ao álcool e tabaco com o aumento da idade confirmam uma tendência global geral que tem sido amplamente observada, e a adolescência tardia é um período sensível reconhecido para a iniciação e estabelecimento desses comportamentos de risco (WALSH *et al*., 2023; MAGGS *et al*., 2021; CURRIE *et al*., 2012). Isso está ligado ao processo de autonomia, ao crescimento do círculo social e à exposição a situações e tentativas liberais.

O impacto da pandemia na forma de distanciamento social provocou mudanças na rotina diária dos adolescentes (por exemplo, com o fechamento das escolas e limitações nas atividades recreativas que limitaram as oportunidades de interação supervisionada e atividade organizada) e possivelmente contribuiu para os tipos de comportamentos destacados aqui (WOLF; SCHMITZ, 2023; ALMEIDA *et al*., 2022).

Especialmente o grande aumento de jovens de 16 anos, que com 62,5% são os maiores consumidores de álcool, é inquietante, pois indica uma disponibilidade precoce e crescente de substâncias psicoativas. Esses dados adequam-se com pesquisas nacionais e internacionais que enfatizam que a adolescência tardia é um período de risco significativo. Estudos recentes identificaram que a maior liberdade desse grupo etário, juntamente com determinantes sociais e familiares, leva a uma maior exposição ao consumo (FERRAZ *et al*., 2024; GASPARINI *et al*., 2025).

As restrições que impediram as pessoas de frequentar instituições públicas e culturais durante a pandemia tiveram implicações nos padrões de socialização da maioria dos adolescentes, o que resultou em um aumento do uso de álcool e outras substâncias como substituto para lazer e socialização, conforme documentado para outros grupos populacionais (LOADES *et al*., 2020; WOLF; SCHMITZ, 2023).

Também é importante destacar a alta prevalência do uso de álcool e drogas entre as adolescentes, o que está em coerência com os achados de Silva *et al*. (2024) e outros novos trabalhos que apontam o impacto das diferenças de gênero na expressão do sofrimento psicológico e nas respostas ao mesmo. Isso está alinhado com o papel crescente do uso de substâncias como automedicação para meninas (YEO *et al*., 2023; MOON; WOO, 2025; FERRAZ *et al*., 2024).

Além do impacto psicológico, aspectos socioculturais (preconceitos e papéis de gênero) podem determinar os padrões de consumo de diferentes maneiras, o que leva a uma abordagem combinada e orientada por gênero em políticas públicas e abordagens clínicas.

A associação significativa entre a presença de sintomas de ansiedade com o uso de álcool e drogas ilícitas (ORs até 3,77) apoia ainda mais o papel desses transtornos de humor como fatores de risco para o envolvimento no uso nocivo de substâncias (MUCCI *et al*., 2023; YEO *et al*., 2023; (WOLF; SCHMITZ, 2023; COSAC *et al*., 2024) Sob condições de insegurança e isolamento, os sintomas dos adolescentes podem tê-los levado a adotar estratégias de enfrentamento desadaptativas, a usar substâncias psicoativas,

pelo menos para um alívio momentâneo, conforme relatado em vários estudos recentes (WOLF; SCHMITZ, 2023; HAMMAMI *et al*., 2025).

A associação entre psicopatologia e consumo sugere a importância de implementar diferentes medidas preventivas, incluindo educação psicossocial e emocional e a promoção de redes de apoio. No domínio dos transtornos emocionais, os sintomas de estresse foram associados a um aumento na ingestão de medicamentos sem prescrição médica, informação que deve alertar para o risco de envolvimento em automedicação entre a população adolescente (SILVA *et al*., 2024; MUCCI *et al*., 2023).

O uso indevido das drogas acima pode ser prejudicial à saúde física e mental desses adolescentes, sublinhando assim a necessidade de aumentar a acessibilidade aos cuidados de saúde mental, campanhas educativas que ofereçam orientação e previnam o uso indevido.

No que diz respeito à depressão, o risco de uso de álcool também foi maior, mas com uma associação mais fraca, portanto, os transtornos psicológicos na adolescência parecem desempenhar o papel de facilitador do abuso de substâncias (YEO *et al*., 2023; ALMEIDA *et al*., 2024; FERRAZ *et al*., 2024). A depressão é frequentemente subdiagnosticada e torna mais provável o mau desempenho na escola, nas interações familiares e na qualidade de vida, abrindo caminho para o desenvolvimento de comportamentos de risco. Portanto, incentivar a detecção precoce e a integração dos serviços de saúde mental dentro dos estabelecimentos educacionais e da comunidade em geral são opções-chave.

A análise mostrou um fator maior de risco para adolescentes com pais separados e viúvos, e vivendo com outros que não seus pais, sugere a importância da família como um potencial fator de proteção ou risco (SÁ *et al*.; ALMEIDA *et al*., 2024; FERRAZ *et al*., 2024). Esta observação particular destacou a importância do apoio familiar e parental para reduzir o uso de drogas, especificamente durante crises sociais e econômicas como a pandemia. Intervenções direcionadas ao treinamento dos pais ou ao reforço das redes comunitárias podem ser maneiras mais focadas de reduzir os comportamentos delineados.

Uma conclusão interessante tirada da pesquisa é o fato de que o lazer e a diversão parecem ser a esfera mais influenciada, de acordo com os valores do teste DUSI. Esta observação é indicativa de que o declínio em ambientes saudáveis para interação social e atividades de lazer levou a efeitos diretos na saúde mental e causou o aumento do uso de substâncias, confirmando análises recentes de diferentes grupos de pesquisa, mas também por recentes aparições na imprensa nacional e internacional (WOLF; SCHMITZ, 2023; GASPARINI *et al*., 2025; ALMEIDA *et al*., 2022). A negação de acesso a essas atividades facilita o desenvolvimento de estratégias destrutivas de compensação e coloca os indivíduos em maior risco.

A avaliação aprofundada do uso de medicamentos sem indicação médica, associada ao estresse destacado nesta investigação, reitera a necessidade de políticas públicas abrangentes que ampliem a

disponibilidade de serviços de saúde mental para adolescentes (SILVA *et al*., 2024; ALMEIDA *et al*., 2024). A automedicação, agravada por fatores como isolamento, ausência de instrução e estresse, pode comprometer ainda mais a saúde dessa população, necessitando de intervenções holísticas e intersetoriais.

O contexto pandêmico mostrou, de fato, uma vulnerabilidade histórica da adolescência, favorecendo a necessidade de Políticas Públicas que integrem prevenção, promoção da saúde mental e combate ao uso de substâncias, conforme tem sido realizado em conformidade com as diretrizes recentes da Organização Mundial da Saúde (2024) e principais publicações científicas atuais (OMS, 2024; WOLF; SCHMITZ, 2023). O fechamento de instituições educacionais e o distanciamento social ampliaram eventos como ansiedade, depressão e isolamento afetivo, resultando em efeitos significativos no desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes.

Em escala mundial, os achados de estudos longitudinais sobre o impacto de longo prazo do isolamento social na saúde mental de crianças e adolescentes evidenciam que os efeitos derivados da pandemia são multifacetados e merecem atenção perene e intervenções personalizadas (MAZZA *et al*., 2020; SCHNEIDERMAN *et al*., 2022). O referido estudo complementa essa evidência para apoiar que focar no apoio familiar, construção de redes sociais e educação emocional e social na escola pode ser relevante no pós-pandemia.

Além disso, pesquisas nacionais recentes (FERRAZ *et al*., 2024; GASPARINI *et al*., 2025) e em importantes revistas internacionais (YEO *et al*., 2023; WEKERLE *et al*., 2024) apontam que a resiliência psicológica e as competências socioemocionais são certamente eixos destacados no metal das estratégias de prevenção. Investimentos em aprendizado emocional e cultural, o acesso e aplicação de oportunidades educacionais baseadas no bem-estar e a incorporação de apoio psicossocial podem oferecer alternativas viáveis para enfrentar o impacto negativo.

Isso confirma que, especialmente, no contexto adverso como a pandemia, o uso de substâncias por adolescentes é multifatorial e é influenciado por fatores individuais, familiares e sociais, por tanto, o sucesso de políticas públicas eficazes deve ser considerado por sua complexidade e integração nas ações de saúde, educação, assistência social e família.

Portanto, o impacto mostrou intensificar aspectos já precários na juventude brasileira, principalmente em escolas públicas, o que destaca a importância de promover políticas públicas integradas baseadas no conhecimento científico resultante de pesquisas dessa natureza, uma vez que combina avaliações epidemiológicas, psicossociais e contextuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou associações relevantes em relação ao uso de substâncias psicoativas e à presença de transtornos afetivos, ansiedade, estresse e depressão, em adolescentes das escolas públicas durante a pandemia de COVID-19. Houve uma forte associação entre idade e uso de álcool e tabaco; os adolescentes de 16 anos apresentaram as maiores proporções, bem como as maiores taxas de uso de álcool e drogas entre as mulheres. Os sintomas de ansiedade foram fortemente associados ao uso de álcool e drogas ilícitas, apoiando assim a suposição de que esses transtornos são sintomas predisponentes ao uso de substâncias.

Além disso, o estado civil dos responsáveis e o ambiente familiar foram considerados fatores significativos, com maiores riscos se os responsáveis fossem separados, viúvos ou inexistentes (ausentes). Entre os fatores relacionados aos problemas de saúde mental no isolamento social e distanciamento social, a limitação das atividades de lazer e recreação mostrou-se de grande importância, especialmente para a saúde mental e comportamento dos adolescentes. Esta constelação de achados pinta um quadro caleidoscópico e multidimensional de risco durante a pandemia.

No entanto, o estudo apresenta várias limitações importantes a serem observadas. O fato de a amostra ter se originado de apenas uma cidade na região Centro-Oeste do estado de Minas Gerais dificulta a generalização dos resultados para outros contextos geográficos e sociodemográficos. A natureza transversal do estudo impede a possibilidade de inferência causal ou de observar o curso temporal dos transtornos e do uso de substâncias, sugerindo que futuras pesquisas longitudinais são indicadas. O uso exclusivo de medidas de autorrelato também pode trazer viés de resposta, especialmente em relação a comportamentos socialmente estigmatizados.

Recomenda-se que estudos futuros empreguem desenhos longitudinais e amostras grandes e mais diversificadas, incluindo essas variáveis qualitativas, o que permitiria a exploração dos aspectos psicológicos e sociais relacionados ao consumo e aos transtornos emocionais. Estudos futuros também devem examinar a eficácia das intervenções psicológicas e educacionais baseadas em evidências, levando em consideração as especificidades de gênero e histórico familiar. A integração de múltiplos métodos e biomarcadores pode contribuir para a compreensão dos substratos neurobiológicos e ambientais que sustentam esses comportamentos.

Em relação às recomendações para políticas públicas, os dados apontam para demandas evidentes relacionadas à relação intersetorial entre saúde, educação e assistência social, que são urgentes e necessárias na implementação de programas integrados para a prevenção e tratamento de transtornos afetivos e uso de drogas entre adolescentes. Ações que incluam o fortalecimento das famílias, a ampliação

do acesso aos serviços de saúde mental, a retomada e promoção de atividades de lazer e a capacitação de profissionais que atuam nesse público devem ser favorecidas. Políticas pós-pandemia precisam considerar esses determinantes complexos para prevenir os impactos psicológicos e comportamentais identificados.

Em última análise, a pesquisa apoia a necessidade de aprofundar o entendimento e executar intervenções conjuntas integradas para reduzir os efeitos da pandemia na saúde mental dos adolescentes brasileiros, com ênfase na associação entre transtornos emocionais e uso de substâncias. A construção desse conhecimento e a proposição de soluções devem respeitar as especificidades locais e individuais para promover um futuro mais saudável e resiliente para essa população muito vulnerável e estratégica para o desenvolvimento das sociedades. O principal desafio que se apresenta é elaborar estratégias fundamentadas em evidências que favoreçam a resiliência, a inclusão social e o desenvolvimento saudável dos adolescentes, reduzindo riscos no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. L. *et al*. "Social isolation and its impact on child and adolescent development: a systematic review". **Revista Paulista de Pediatria**, vol. 40, 2022.

COSAC, L. F. F. *et al*. "Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos adolescentes brasileiros". **Revista FT**, vol. 29, 2024.

CURRIE, C. *et al*. **Social determinants of health and well-being among young people**. Copenhagen: WHO, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Cidades – Divinópolis". **IBGE** [2023]. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12/07/2025.

KESSLER, R. C. *et al*. "Prevalence and treatment of mental disorders, 1990 to 2003". **New England Journal of Medicine**, vol. 352, n. 24, 2005.

LOADES, M. E. *et al*. "Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of Covid-19". **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, vol. 23, 2020.

LOPES, L. M. V. *et al.* "A CPI da Covid-19: uma análise bioética sobre o que foi desvelado da gestão da pandemia no Brasil". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 16, n. 47, 2023.

MAGGS, J. L. *et al*. "Parents who first allowed adolescents to drink alcohol in a family context during spring 2020 COVID-19 emergency shutdowns". **Journal of Adolescent Health**, vol. vol. 68, 2021.

MAZZA, C. *et al*. "A nationwide survey of psychological distress among Italian people during the COVID-19 pandemic". **International Journal of Environmental Research and Public Health**, vol. 17, n. 9, 2020.

MOON, Y.; WOO H. “Key risk factors of generalized anxiety disorder in adolescents: machine learning study”. **Frontiers in Public Health**, vol. 12, 2025.

SCHNEIDERMAN, M. *et al*. “Incidence and relative risk of COVID-19 in adolescents and youth compared with older adults in 19 US states, Fall 2020”. **JAMA Network Open**, vol. 5, n. 7, 2022.

SILVA, S. M. P. *et al*. “Mulheres e saúde mental: reflexões a partir da bibliografia e de um relato de experiência”. **Revista PsicoFAE**, vol. 12, n. 2, 2024.

SOUSA, J. M.; MOREIRA, C. A.; TELLES-CORREIA, D. “Anxiety, depression and academic performance: a study amongst Portuguese medical students versus non-medical students”. **Acta Médica Portuguesa**, vol. 31, n. 9, 2018.

SOUZA, D. S. *et al*. “O papel do Enfermeiro na promoção da saúde mental em adolescentes”. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, vol. 24, n. 12, 2024.

THRUL, J. *et al*. “Young adults report increased pleasure from using e-cigarettes and smoking tobacco cigarettes when drinking alcohol”. **Addictive Behaviors**, vol. 93, 2019.

WHO. “14.9 million excess deaths associated with the COVID-19 pandemic in 2020 and 2021”. **WHO** [2022]. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 12/06/2025.

WHO. “Mental health of adolescentes”. **WHO** [2024]. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 12/06/2025.

WOLF, K.; SCHMITZ, J. “Scoping review: longitudinal effects of the COVID-19 pandemic on child and adolescent mental health”. **European Child and Adolescent Psychiatry**, vol. 32, 2023.

YANG, R. *et al*. “Differentiation between bipolar disorder and major depressive disorder in adolescents: from clinical to biological biomarkers”. **Frontiers in Human Neuroscience**, vol. 17, 2023.

YEO, G. H. *et al*. “How do aspects of selfhood relate to depression and anxiety among youth? A meta-analysis”. **Psychological Medicine**, vol. 53, 2023.

BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima